



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA (UnB)
Centro de Excelência em Turismo (CET)
Curso de Especialização em Gestão e Marketing do Turismo

ECOTURISMO E SUSTENTABILIDADE:

A COMPLEXA IMPLEMENTAÇÃO NA AMAZÔNIA

Patrícia Viana

Brasília, Distrito Federal, maio de 2004.

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UnB
Centro de Excelência em Turismo
Curso de Especialização em Gestão e Marketing do Turismo V

ECOTURISMO E SUSTENTABILIDADE:

A COMPLEXA IMPLEMENTAÇÃO NA AMAZÔNIA

Patrícia Viana

Orientador
Prof. Domingos Sávio Spezia, Mestre

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UnB
Centro de Excelência em Turismo
Curso de Especialização em Gestão e Marketing do Turismo V

ECOTURISMO E SUSTENTABILIDADE:
A COMPLEXA IMPLEMENTAÇÃO NA AMAZÔNIA

Patrícia Viana

Monografia apresentada ao Centro de Excelência em Turismo (CET) da Universidade de Brasília (UnB) como requisito parcial para a obtenção do certificado de Especialista em Turismo — Gestão e *Marketing* do Turismo.

Brasília, Distrito Federal, maio de 2004.

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UnB
Centro de Excelência em Turismo
Curso de Especialização em Gestão e Marketing do Turismo V

**ECOTURISMO E SUSTENTABILIDADE:
A COMPLEXA IMPLEMENTAÇÃO NA AMAZÔNIA**

Patrícia Viana

Banca Examinadora

Prof. Domingos Spezia, Mestre

Orientador

Prof. Gilson Borda

Brasília, Distrito Federal, maio de 2004.

DEDICATÓRIA

Dedico esse estudo a Bruninha, que está sendo aguardada com muito amor. Desejo que ela, seus filhos, netos e sucessivas gerações possam desfrutar da imensa beleza dos ecossistemas deste planeta e dos seus recursos naturais. Se isso acontecer é porque obtivemos êxito no convívio e na promoção do desenvolvimento sustentável.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus pela benção de uma família tão especial, amigos inestimáveis e à
maravilhosa dádiva da vida.
Especialmente, a querida, e generosa Glícia.

EPÍGRAFE

O comportamento é um
espelho em que cada um
mostra a sua imagem.

Goethe (1808:45)

RESUMO

Atividades turísticas ligadas à natureza são responsáveis por inúmeras transformações no ecossistema. A Região Amazônica constitui por sua originalidade um importante pólo de desenvolvimento turístico para o Brasil e o mundo. Como decorrência, os impactos ambientais se acentuam. Buscam-se formas de amenizar tal comprometimento, visando a sustentabilidade pregada pela Agenda 21. Propostas governamentais a experiências desenvolvidas pela Sociedade Civil, através de Organizações Não Governamentais, demonstram a preocupação com a atividade turística na Região Amazônica. O Ecoturismo surge como uma opção viável para o turismo. Este trabalho apresenta a complexa situação da Região demanda planejamento e atuação participativa e responsável.

1.Amazônia

2.Turismo Sustentável

3.Ecoturismo

ABSTRACT

Touristic activities linked to the nature are responsible for vary transformations in the ecosystem. The Amazon Region forms by its originality an important place of the turistic development to the Brazil and the rest of the World. By consequence, the ambiental impacts are growing. It has been trying forms to moderate this obligation, pointing out the sustentability defended by the 21 Agend. Governmental Purposes to the developmented experiences by the Civil Society, throughout Non Governmental Organizations, demonstrate the preoccupation with the turistic activity in the Amazon Region. The Ecoturism appears like an acceptable option for the Turism. This study shows a complex situation of the Region needs planning and the participateable perfomance and responsible.

1.Amazon

2.Sustentable Turism

3.Ecoturism.

SUMÁRIO

RESUMO.....	viii
ABSTRACT.....	ix
INTRODUÇÃO.....	11
CAPÍTULO 1- REFLEXÕES TEÓRICAS.....	15
1.1-Sustentabilidade.....	15
1.2- Turismo.....	19
1.3- Ecoturismo.....	25
CAPÍTULO 2- AMAZONAS: DESTINO PECULIAR DO ECOTURISMO.....	32
2.1- Bioma	32
2.2- História.....	33
2.3- Municípios.....	34
2.4- Cultura e Tradições.....	35
2.4.1- Festival de Parintins.....	35
2.5- Atrações Turísticas.....	37
2.6- Expedição Amazônia.....	41
CAPÍTULO 3- INTENÇÕES E ATUAÇÕES.....	44
3.1- Ação Governamental.....	44
3.2- Sociedade Civil.....	47
CAPÍTULO 4 -CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	51
REFERÊNCIAS BIBLIOGRAFICAS.....	55
ANEXOS	58

INTRODUÇÃO

O Ecoturismo vem crescendo no mundo inteiro com grande importância econômica e, em muitos países como forma de garantir a sustentabilidade, por contribuir para a valorização e preservação do patrimônio por meio da conscientização da importância do meio ambiente. Um dos seus objetivos visa à integração e à geração de benefícios para as comunidades locais envolvidas.

Segundo Barbosa (2000), no Brasil ainda não há estudos e informações sistematizadas suficientes para caracterizar e dimensionar o mercado ecoturístico. As informações são divulgadas pela mídia, agentes do *trade* turístico e pelas Organizações Não-Governamentais (ONGs).

Em 1999, o Instituto Brasileiro de Turismo(**Embratur**) identificou os principais pólos ecoturísticos das cinco macro-regiões do Brasil. Foram registrados 96 pólos que poderiam servir de base para o planejamento das ações públicas destinadas ao desenvolvimento do setor. No mesmo ano, a partir de informações de operadoras de turismo, estimou-se que 250 mil ecoturistas visitaram o corredor ecoturístico com uma permanência média de 4 dias em cada destino, significando cerca de US\$70 milhões injetados no período nas economias locais e absorvidos pelo *trade* ecoturístico.

Barbosa (2000) admite ser um valor bastante limitado, levando-se em consideração o potencial de atrativos naturais ainda não explorados em um país que se destaca pela riqueza de recursos naturais.

No Brasil, o turismo apresentou um intenso crescimento nos últimos anos quando o setor passou a ser considerado pelo governo uma atividade estratégica, devido a sua capacidade de gerar empregos, uma vez que envolve vários segmentos da economia produtiva, direta e indiretamente. Porém, o setor turístico brasileiro apresenta uma participação inexpressiva no contexto mundial, pois o setor movimenta bilhões ao redor do mundo.

Esforços e ações concretas vêm sendo adotadas: a criação do Ministério do Turismo; investimentos em obras de infra-estrutura básica, com adequação dos aeroportos; ações de *marketing* reformulando a imagem do Brasil no exterior, sendo essa ação prioritária da Embratur na captação de turistas estrangeiros.

Características inerentes ao Brasil, tais como diversidade cultural e histórica, e uma enorme riqueza do ecossistema vão ao encontro da demanda do mercado do Ecoturismo. Segundo Oliveira (2001), os ecoturistas em sua maioria são residentes em países desenvolvidos e industrializados.

Conceitua-se o **Ecoturismo** como um turismo que se desenvolve rapidamente no mundo inteiro. Vem sendo praticado por pessoas que apreciam a natureza e interessadas em manter o contato com elementos que desapareceram nas grandes cidades. Essas pessoas buscam locais nos quais a natureza ainda permanece intacta, como a Região Amazônica.

A alteração do cenário mundial ocorrida após o atentado terrorista de 11 de Setembro e a Guerra do Iraque, bem como as consequências desses acontecimentos (dificuldades na obtenção de visto para os E. U. A, medo latente de atentados terroristas etc.), ocasionou a necessidade de novas opções de destino turístico. O Brasil encontra-se, portanto, num momento em que é oportuno o seu fortalecimento como uma opção viável de destino turístico. O país possui em seu território vários destinos peculiares, dentre eles, a Floresta Amazônica. Seu ecossistema é considerado um dos mais ricos do mundo. O que leva a uma indagação:

Como conservar estes recursos e, ao mesmo tempo, tornar viável a crescente prática do turismo de forma sustentável?

A importância do planejamento e do envolvimento das comunidades locais no processo de desenvolvimento do Ecoturismo, como forma de se evitar o comprometimento desses ecossistemas, serve de alerta para não se subestimar a importância do planejamento

sustentável. Países que exploraram de maneira inadequada seus recursos naturais obtiveram experiências mal sucedidas, repercutindo em retrocesso de seu desenvolvimento.

O equilíbrio para este impasse pode ser obtido com um planejamento consciente que consiste em ordenar as ações do homem sobre o território, buscando a preservação das áreas naturais pelas estratégias de desenvolvimento turístico sustentável. As Áreas de Proteção Ambiental (APAS) são áreas que, por possuírem relevantes atributos ecológicos, necessitam de uma maior proteção para seus recursos e o turismo sustentável nestas áreas poderá ser implantado com a ajuda de estratégias de desenvolvimento turístico.

Desta forma, esse trabalho tem como objetivo:

Aprofundar a reflexão sobre o Ecoturismo como alternativa para o desenvolvimento sustentável da região amazônica.

Para tanto, buscou-se priorizar objetivos específicos como:

- 1. Demonstrar a complexidade da região amazônica frente ao seu potencial turístico;**
- 2. Identificar políticas e experiências atuais em relação ao ecoturismo na Amazônia;**
- 3. Verificar as contradições no atendimento da sustentabilidade turística pelas políticas governamentais e pela sociedade civil em relação ao turismo.**

Para alcançar estes objetivos, o método utilizado foi o dedutivo e a metodologia partiu de uma pesquisa teórica documental com levantamento conceitual e bibliográfico sobre Turismo Sustentável e Ecoturismo, conceitos esses que fazem parte do novo paradigma do turismo e são de extrema relevância para este estudo.

O Ecoturismo tem apresentado altos índices de crescimento, implicando em presença crescente de turistas em áreas naturais. Nessas áreas, o turismo pode ser considerado até como uma ferramenta de conservação dos recursos naturais existentes.

Em seguida, fez-se uma análise descritiva da região amazônica com levantamento das características que a tornam potencialmente um pólo receptor de turismo ecológico no Brasil, evidenciando o imenso valor diferencial que esta proposta representa como propulsora do Ecoturismo no país, sua importância e interesse mundial.

Fez-se também uma coleta de dados junto a órgãos como o Ministério do Meio Ambiente e Fundo Mundial para Natureza (W.W.F), no intuito de se identificar os projetos em andamento no setor e demonstrar as contradições existentes entre o discurso teórico e a aplicação prática, traçando, assim, um paralelo comparativo entre as ações do governo e da sociedade civil. Os projetos identificados como importantes e que formam o universo de pesquisa para o estudo foram: PROECOTUR – Programa de Desenvolvimento do Ecoturismo na Amazônia Legal e Projeto Ecoturismo Integrado no Manejo de Várzea em Silves (AM).

Para melhor ilustrar os princípios desse estudo, trabalhou-se no capítulo 1 os conceitos de Turismo Sustentável e Ecoturismo. No capítulo 2, destacaram-se as peculiaridades da Amazônia, seu ecossistema e grande potencial turístico. No capítulo 3, exemplificaram-se ações concretas de sustentabilidade tomadas pelo governo e pela sociedade civil. E nas considerações finais retomaram-se as três dimensões da sustentabilidade: econômica; ecológica e social, sob a ótica do governo e da sociedade civil. Contém, também, sugestões de medidas incentivadoras ao Ecoturismo como alternativa de desenvolvimento sustentável na região amazônica.

Espera-se, dessa forma, que a reflexão possa contribuir para uma melhor divulgação do ecoturismo na Região Amazônica, oferecendo oportunidade à comunidade acadêmica de abrir o debate sobre a sustentabilidade e sua difícil efetivação na região.

CAPÍTULO 1: REFLEXÕES TEÓRICAS

1.1. SUSTENTABILIDADE

O Conceito de sustentabilidade sofreu modificações com o correr dos tempos. A Conferência das Nações Unidas sobre Comércio e Desenvolvimento (Cnuced), em 1982, conceitua o desenvolvimento sustentável como aquele que satisfaz as necessidades presentes, sem comprometer a possibilidade das gerações futuras satisfazerem as suas.

Já a Comissão Mundial sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento, em 1987, apresenta o seguinte conceito de Desenvolvimento Sustentável:

“Um processo de transformação, no qual a exploração dos recursos, a direção dos investimentos, a orientação do desenvolvimento tecnológico e a mudança institucional se harmonizam, e reforçam o potencial presente e futuro, a fim, de atender às necessidades e aspirações humanas”.

Por outro lado, para Molina (2001):

“O conceito de desenvolvimento sustentável é uma estratégia que se propõe, e cuja implementação está sendo insistentemente promovida por organizações internacionais e adotada por alguns governos, pois seus postulados, programas e ações estão reunidos na obra Cuidar da Terra, estratégia para o futuro da vida, publicada pela União Internacional para a Conservação da Natureza (UICN), o Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente (PNUMA) e o Fundo Mundial para a Natureza (WWF)”.

Segundo o mesmo autor, o esforço de sustentabilidade é promovido para “melhorar a qualidade da vida humana, sem ultrapassar a capacidade de sustentação dos ecossistemas que a mantém”. Desse modo, o desenvolvimento sustentável é uma estratégia que se bifurca em caminhos estreitamente vinculados e dependentes:

1. Orientar esforços e obter resultados concretos que melhorem o nível de bem-estar da população.
2. Favorecer a evolução ecológica para manter a vitalidade dos recursos disponíveis no planeta.

Dessa forma, entende-se que só uma estratégia de desenvolvimento sustentável é capaz de estruturar uma sociedade sustentada. Petrocchi (2001) aborda a dificuldade da aplicação prática do conceito de turismo sustentável e o conflito existente entre a teoria e os vários interesses que vão de encontro ao tênué limite que pode levar à queda da qualidade de vida e à degradação. O autor ainda salienta a premissa da sustentabilidade amplamente disseminada: “O conceito de que a cidade para ser boa para o turismo precisa ser boa para quem mora nela”.

No Brasil, a complexidade do debate sobre turismo sustentável é ainda maior, considerando as próprias características do país. O Brasil tem grandes dimensões continentais e é marcado por uma imensa diversidade cultural, ambiental, social e econômica.

Ainda segundo Petrocchi (2001) a conscientização é a ferramenta mais eficaz para o rejuvenescimento do sistema turístico sendo fundamentais o envolvimento do poder público, empresários e sociedade. O planejamento do turismo deve procurar otimizar o relacionamento do sistema com as expectativas e os diversos segmentos de mercado.

Como referência de garantia de conservação da biodiversidade e de viabilidade econômica o seguinte quadro, proposto por Sachs apud Petrocchi (2001), serve como um bom exemplo de níveis de sustentabilidade:

Relação Conservação da Biodiversidade X Viabilidade Econômica

IMPACTOS			
	Econômicos	Sociais	Ecológicos
Crescimento desordenado	+	-	-
Crescimento social benigno	+	+	-
Crescimento ambiental sustentável	+	-	+
Desenvolvimento	+	+	+

Fonte: Sachs, 2000.

1.1.1. ÁREAS BÁSICAS DO DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL:

Petrocchi (2001) salienta quatro áreas básicas para o desenvolvimento sustentável:

- *Preservação /recuperação do meio ambiente.
- *Preservação /planejamento/recuperação do meio urbano.
- *Capacitação profissional.
- *Conscientização da população.

As áreas de capacitação e conscientização são âncoras do processo de gestão do turismo. No entanto, no contexto de um país em busca do desenvolvimento que sofre reflexos diretos no crescimento do mercado interno do turismo, deve existir um vínculo entre a distribuição de renda e a evolução do turismo.

1.1.2. APROVEITAMENTO DA BIODIVERSIDADE PARA A SUSTENTABILIDADE

Sonsolo (2002) discute as possibilidades de desenvolvimento do turismo no Brasil e enfatiza aspectos da natureza, cultura e condições sociais. Para ele, o Brasil colocou as necessidades sociais e ecológicas em segundo plano, o que ocasionou graves problemas sócio-ambientais. Aponta o ambientalismo internacional e o processo de democratização, que o país vem atravessando, como promotores de alguns exemplos de desenvolvimento do turismo como alternativa econômica associada ao progresso social e à conservação ambiental. Para tanto, expõe exemplos de experiências de turismo relacionadas ao meio ambiente promovidas pela iniciativa privada, governo e iniciativa comunitária.

As estratégias e investimentos que promovem e incentivam a alteração do modelo de desenvolvimento vêm os recursos naturais como inesgotáveis e julgam ser necessário uma nova forma de pensar e agir sobre o mundo. Sansolo propõe, por meio da reeducação ambiental, o turismo como uma forma de conscientização:

“Em meio a esse esboço conjuntural, em busca de soluções para a conservação ambiental, o turismo aparece como um setor privilegiado do ponto de vista da reflexão sobre a compatibilização de investimentos e a conservação da biodiversidade”.(Sansolo, 2000).

O turismo tem sido uma das principais opções para o desenvolvimento dos ecossistemas, como tem ocorrido no Pantanal e na Amazônia. Grandes investimentos em infra-estrutura, atração de investidores e promoção pelo poder público acarretam desenvolvimento de produtos turísticos trazendo benefícios à conservação ambiental e melhoria das condições de vida das populações locais. No entanto, autores alertam que o modelo de desenvolvimento adotado pode ser uma arma e não uma ferramenta a seu favor, trazendo o risco de serem reproduzidos erros cometidos em outras épocas.

Como estratégia de conservação da biodiversidade no Brasil, aconselha-se a criação de áreas protegidas, as chamadas unidades de conservação, que possibilitam a visitação, seja para recreação, pesquisa ou educação ambiental. Parques nacionais tais como os parques de *Yellowstone* e *Ysomite Valley*, nos E.U. A, são considerados marcos de conservação da natureza.

Por fim, a participação comunitária surge como um desafio para a gestão participativa no caminho a ser construído para o turismo no Brasil. Não se pode esquecer que, além do interesse compartilhado pelos agentes envolvidos, os próprios turistas demonstram cada vez mais interesse nas riquezas das localidades. Para tanto, vemos que:

Embora o Brasil possua a maior biodiversidade do planeta e assim, em tese, um grande atrativo para o turismo nacional e internacional, ainda lhe falta, a condição necessária para garantir o equilíbrio entre a conservação ambiental e o turismo. (WWF, 2000).

1.1.3. MODALIDADES DE TURISMO SUSTENTÁVEL

O Turismo de natureza sustentável, segundo Barbosa (2000), é um conceito mais flexível que o de Ecoturismo, pois abrange a prática do Ecoturismo de aventura e os passeios em balneários. Assim, o autor divide a atividade em três modalidades de turismo sustentável:

1.1.3.1- Modalidade Ecoturismo

- visitação a grutas;
- flutuação (observação da flora e fauna ictiológica);
- trilhas e cachoeiras (caminhadas com observação da flora e fauna terrestre);
- turismo rural e ecológico (conhecimento de atividades rurais e conscientização ambiental).

1.1.3.2. Modalidade Turismo de Aventura e Especializado

Principais atividades:

- passeios de bote;
- bóia-cross*;
- *rapel* e
- mergulho.

1.1.3.3. Modalidade Turismo de Lazer

- atividades em balneários.

Desse modo, antes de analisar-se o Ecoturismo como uma alternativa sustentável, faz-se necessário um parênteses para considerações sobre o turismo em geral.

1.2.TURISMO

1.2.1. O TURISMO NO BRASIL: UM SETOR EM CRESCIMENTO

O Fundo Mundial para a Natureza (WWF, 1999) destaca o Ecoturismo como potencial alternativo para o desenvolvimento do turismo no Brasil e aponta fatores inerentes ao país, que vão ao encontro da demanda do mercado do Ecoturismo: diversidade

cultural e histórica. Destaca qualitativamente as vantagens de se ter uma enorme riqueza do ecossistema que é um dos mais ricos do mundo.

O Brasil possui em seus 8.511,996 Km² cerca de 1/3 das Florestas Tropicais remanescentes e o maior sistema fluvial do planeta (no território brasileiro estão situados 2/3 da vasta bacia Amazônica). Em nenhum outro país, há tantas espécies de macacos, papagaios, anfíbios, peixes de água doce, vertebrados ou plantas. A flora brasileira representa 22% da flora mundial.

Observando-se a evolução nos números do turismo nacional e sua potencialidade, percebe-se que nos últimos seis anos o volume de desembarques em vôos domésticos praticamente dobrou e os internacionais aumentaram em cerca de 200%. Segundo as estimativas da FIPE/EMBRATUR, em 1998, 38,2 milhões de brasileiros fizeram viagens domésticas e, em 2000, o número de visitantes estrangeiros no Brasil aumentou 4% em relação a 1999.

O turismo é o setor econômico que apresenta os mais elevados índices de crescimento no contexto mundial, tendo expandido suas atividades na década de 90 em cerca de 60%, de acordo com os dados da Organização Mundial do Turismo. No Brasil, o turismo é uma atividade ainda emergente, porém de crescimento intenso nos últimos anos.(WWF, 2003).

O desenvolvimento do Ecoturismo, inserido principalmente em locais de interesse cênico e tendo como base recursos naturais de alta biodiversidade, tais como a Amazônia, o Pantanal, o Cerrado, a Mata Atlântica e a Costa litorânea, tem trazido preocupações aos governos locais, às comunidades anfitriãs e as organizações conservacionistas por colocar em risco áreas naturais, protegidas ou não, de riquezas imensuráveis, assim como importantes patrimônios histórico-culturais.

Isso se deve à velocidade, e à escala dos investimentos públicos e privados. Esses fatos, associados à enorme diversidade cultural e dos ecossistemas do país e a ampla promoção do Ecoturismo como negócio, fizeram com que houvesse um aumento considerável de projetos e programas de Ecoturismo.O turismo envolve atores com linguagens e interesses muitas vezes conflitantes que não podem ser ignorados por propostas ingênuas e segmentadas. Isso significa dizer que o planejamento Ecoturístico

necessita estar intrinsecamente vinculado a uma abordagem econômica, seguindo uma proposta de desenvolvimento regional integrado.

No Brasil e no exterior o Ecoturismo vem apontando um grande índice de crescimento, 10 a 20% conforme vários estudos. No Brasil, o contexto internacional favorecendo as chegadas estrangeiras, o crescimento do mercado doméstico após o plano Real, que alcança hoje mais de 40 milhões de desembarques, e o grande potencial do Brasil como destino turístico têm, nos últimos anos, provocado um volume expressivo de investimentos governamentais e privados na indústria brasileira do turismo e, em especial, no Ecoturismo. Modalidade esta que inicialmente era uma atividade praticada por entidades não governamentais atentas ao turismo sustentável, passou a receber investimentos do governo, bancos, empresariado. Assim, o Ecoturismo passou a ser gerador de emprego e renda.

Porém, o crescimento do Ecoturismo no Brasil é preocupante devido à velocidade com o que vem ocorrendo face à fragilidade de ambientes e comunidades envolvidas, e as dificuldades de órgãos públicos responsáveis pelo seu controle. Os princípios do Ecoturismo devem oferecer o mínimo de impactos ambientais e culturais e trazer benefícios às comunidades envolvidas. Porém, nas regiões brasileiras há uma grande dificuldade em atender a esses princípios. Considera-se que essa dificuldade ocorre devido à pressão demasiada que as comunidades exercem sobre os recursos naturais, à procura de oportunidades econômicas como ocorre na Amazônia, Pantanal e Mata Atlântica. O turismo causa, então, impactos ambientais negativos, significativos ou não, atingindo as expectativas de desenvolvimento dessas regiões.

Assim, há necessidade de um bom planejamento com monitoramento para a implantação do Ecoturismo, devido a sua complexidade e alto custo. No Brasil, por ser uma atividade nova, o Ecoturismo precisa de profissionais e metodologias, como a de certificação de produtos de Ecoturismo para evitar o falso *marketing ecológico*, que é a venda de um produto que não é Ecoturismo e visa apenas o lucro. Evita-se, assim, o crescimento desordenado do Ecoturismo no Brasil.

1.2.2. TURISMO INTERNACIONAL: UMA PERSPECTIVA GLOBAL

O Turismo, considerado organizado, surgiu em meados do Século XIX, como consequência do desenvolvimento tecnológico iniciado pela Revolução Industrial e com o desenvolvimento dos meios de transporte, como o barco e o trem. O crescimento do turismo após a Segunda Guerra Mundial tem entre outras causas a instituição geral de férias pagas aos trabalhadores, a elevação geral do nível de renda, a valorização da mentalidade do direito ao lazer e ao turismo.

No século XX, graças as transformações proporcionadas pela Revolução Industrial, o turismo passa a ser praticado em larga escala e passa também a ser uma marca de *status*. Houve uma mudança no conceito de viagem e surge o interesse por viagens a áreas naturais. Os visitantes dos Parques Nacionais de *Yellowstone* e *Yosemite*, nos EUA, foram os primeiros Ecoturistas. Excursões especializadas, safáris fotográficos e competições esportivas em regiões naturais, caminhadas pela natureza e outras atividades são cada vez mais comuns. A África é um bom exemplo desta tendência, os safáris fotográficos se tornam mais populares do que as caçadas. Surge aí uma nova tendência mundial de viagem.

Assim, o interesse crescente pelo Ecoturismo entre governos dos países em desenvolvimento, os operadores comerciais, as organizações assistenciais e os conservacionistas estabelecem a dimensão de seu enorme potencial econômico e conservacional. O uso da mão-de-obra e recursos locais, bem como, projetos adequados ao meio ambiente e, o engajamento dos moradores da região se traduz em entrada de mais divisas no país.

Identificaram-se padrões e tendências de viagens nacionais e internacionais, fornecendo a base para o planejamento e o *marketing* adequado ao produto e ao destino turístico. Após análises de fatores externos como mudanças políticas, demográficas, sociais e tecnológicas, foram determinadas as tendências do setor do turismo.

Num curto período, que ocorre a partir da década de 60, foi observado um grande crescimento do turismo, tanto de viagens internacionais domésticas como das viagens internacionais. Ao se fazer um comparativo do turismo doméstico *versus* turismo internacional a OMT estima que a escala do turismo doméstico mundial exceda de longe a escala do turismo internacional mundial, em uma escala de 10 para 1, sendo que um dos motivos é o geográfico. Em países com grande extensão territorial, seus habitantes são menos inclinados a viajar para o exterior, favorecendo o turismo doméstico. Ao contrário, países onde a geografia favorece viagens fora dos limites nacionais, o turismo internacional é mais importante que o turismo doméstico. Além da extensão territorial, o clima também interfere. Pessoas que vivem em regiões do mundo de clima temperado têm padrões de viagens diferentes daquelas que vivem em clima tropical. Países que oferecem amplos atrativos e destinos a seus próprios cidadãos também mantêm viagens domésticas acima das internacionais, como acontece na França. Os franceses, cuja geografia apresenta pouca barreira às viagens internacionais, passam talvez 10 vezes mais férias na própria França do que no exterior.

O crescimento das chegadas de turistas internacionais em todo mundo é recente e a perspectiva segundo a OMT é que o turismo mundial continuará a crescer. Em 1995, os principais destinos, foram França, EUA e Espanha. Dados revelam que uma parcela considerável das viagens é recebida e gerada por poucos países. Dez principais destinos respondem por 54% do volume mundial dos fluxos turísticos, com sete desses países localizados na Europa Ocidental, o que pode ser explicado pela proximidade geográfica.

Os dez principais países receptores também detêm 55% do total mundial das receitas do turismo: EUA, França, Itália, Espanha, Reino Unido, Alemanha, Áustria, Hong Kong, China e Cingapura. Setenta e sete por cento de todos os viajantes do turismo emissivo provêm de apenas 10 países, dos quais 6 são europeus (OMT, 1996). Países geradores de turismo e que também estão ligados ao volume de gastos dos turistas são: EUA, Alemanha, Japão, Reino Unido, França, Itália, Áustria, Rússia, Holanda e Canadá.

O turismo internacional favorece o ingresso de moeda estrangeira, podendo gerar *superávit* ou *déficit* de turismo. O superávit ocorre quando visitantes estrangeiros gastam mais num determinado país do que o total gasto pelos seus próprios cidadãos quando viajam ao exterior. Países que acumulam *superávit* são EUA, França e Itália. Ao contrário, o *déficit* não é desejável, pois representa gastos no exterior que excedem a receita auferida com o turismo receptivo. O país líder desse exemplo é o Japão.

As estatísticas da OMT mostram que mais de $\frac{3}{4}$ das viagens internacionais são de curta distância e ocorrem, na maior parte das vezes, em países desenvolvidos da Europa, América do Norte e Ásia. A América do Norte, Central e do Sul têm expressivo crescimento em chegadas de turistas. As chegadas na América do Sul cresceram o dobro da média mundial. A previsão sobre o turismo emissivo indica que, enquanto isso nos EUA e Canadá, o crescimento deverá diminuir para viagens internacionais. Deverá manter-se o tráfego intra-regional, à medida que o desenvolvimento econômico e a indústria continuem a crescer nos países Sul e Centro-americano. Essas regiões são as maiores promessas de crescimento do turismo emissivo.

Os fatores que podem influenciar o crescimento do turismo são: transformações sócio-demográficas, avanços tecnológicos, mudanças políticas abruptas, questões ambientais e relacionadas ao turismo sustentável, demandas de saúde e segurança e qualificação dos recursos humanos. Quanto às mudanças demográficas, três grupos de viajantes se destacam: jovens, que são o maior público viajante, os aposentados e o mercado familiar.

Os fatores externos podem e devem ser considerados pelos planejadores e empreendedores turísticos para reverter os potenciais impactos negativos e, assim, manter o equilíbrio no processo de desenvolvimento. São eles: mudança na preferência dos consumidores, (a atual composição do *mix* turístico divide-se em cerca de 60% para o turismo de lazer *versus* 40% para negócios), férias pagas que garantem tempo disponível para lazer e viagens e, por fim, as estadas mais longas nas viagens por parte dos viajantes mais velhos e também aumento nas viagens da força de trabalho jovem, que aproveitam os feriados.

1.3. ECOTURISMO

O Conceito de Ecoturismo sustentável, segundo o Código Mundial de Ética do Turismo, Artigo3: 1.

“É dever de todos os agentes envolvidos no desenvolvimento turístico salvar o ambiente e os recursos naturais na perspectiva de um crescimento econômico saudável, contínuo e sustentável, capaz de satisfazer eqüitativamente as necessidades e as aspirações das gerações presentes e futuras”.(citado em Petrocchi, 2001).

Além da evidente divergência entre o que pensam operadores, turistas e técnicos sobre o Ecoturismo no Brasil, a complexidade do debate sobre turismo sustentável é ainda maior, considerando as próprias características do país.

Atualmente, o Ecoturismo é discutido e almejado em praticamente todo o país, desde a maior cidade (São Paulo) aos mais longínquos destinos (como reservas indígenas e extrativistas). Está nos discursos e promessas políticas, nos meios de comunicação, na busca do empreendedor, nos projetos de alternativas econômicas mais sustentáveis e no imaginário dos turistas. O Ecoturismo é hoje uma realidade dinâmica e composta por uma enorme diversidade de segmentos. O Ecoturismo deixou de ser propriedade de um reduzido grupo de cientistas, técnicos e empreendedores e instituições, para ser hoje parte da realidade de todo país.

1.3.1. A Generosidade da Terra

Antigamente, a humanidade fazia parte da natureza e nos últimos séculos passou a ser exploradora da natureza e dos recursos naturais. Grande influência para essa mudança foi da Igreja e do capitalismo. A Igreja defendeu a idéia de que era vontade de Deus que o homem explorasse a natureza para seus próprios fins. Já os cientistas da época medieval procuraram o domínio da natureza devido ao medo do desconhecido, acreditando-se que locais selvagens deveriam ser subjugados. Com o capitalismo surgiu uma atitude progressiva atrelada ao desenvolvimento, que assim se coloca:

1. A criação de locais habitáveis e espaços utilizáveis (casa e indústrias);
2. A idéia de que as áreas selvagens eram ermas e abandonadas;
3. A idéia de que a sociedade humana civilizada dava significado ao mundo;
4. A conquista das áreas selvagens.

As raízes do conservacionismo surgiram na França e na Grã-Bretanha, ao perceberem que o desmatamento provocava erosão e baixa produtividade do solo. Iniciou-se uma imediata tentativa de conservação de áreas florestais. As políticas de reflorestamento na Grã-Bretanha datam do século XVII.

Na América do Norte, o conservacionismo desenvolveu-se em três frentes: a primeira envolvia a idéia de que a conservação deveria visar a manutenção da harmonia entre a humanidade e a natureza; a segunda de que a conservação se relacionava com o uso eficiente dos recursos. E a idéia final era de que a conservação poderia ser obtida idealmente partindo-se do ponto de vista da religião e da espiritualidade. A última idéia refere-se a salvar os recursos do uso em vez de salvá-los para o uso.

1.3.2. Conceito

Inicialmente, o conceito de Ecoturismo, surgido na década de 70, estava apenas associado à preservação do meio ambiente natural. Este conceito foi reelaborado a partir do conceito de desenvolvimento sustentável. Assim, a definição brasileira de Ecoturismo passou a envolver a população nos benefícios da atividade turística.

Segundo Salvatti (2002), há três grandes eixos temáticos que sustentam o conceito brasileiro de Ecoturismo: a sustentabilidade, a educação do visitante e os benefícios às comunidades locais.

A sustentabilidade refere-se à conservação do ambiente natural para a manutenção do ecoturismo em longo prazo, pois se o Ecoturismo não for planejado adequadamente

haverá um fracasso econômico e a degradação social e ambiental. Se os recursos naturais e culturais não forem preservados, não haverá mais interesse para a visitação. Assim, os recursos devem ter uma utilização criteriosa. Visando à sustentabilidade econômica, deve-se determinar as atividades econômicas locais atuais e potenciais capazes de gerar emprego e renda e, ao mesmo tempo, promover a manutenção do equilíbrio ambiental. O produto ecoturístico necessita, além da formulação de planos de viabilidade econômica, também de planos de *marketing*.

Outra condição necessária para o Ecoturismo é a educação do visitante. O turismo deve ser informativo e educacional. Além disso, o Ecoturismo deve conscientizar o turista da importância da preservação dos lugares de visitação, possibilitando, inclusive, transformações no seu cotidiano quando, ao retornar ao meio urbano, gerar reflexões sobre preservação e qualidade de vida.

O objetivo maior do Ecoturismo é o desenvolvimento socioeconômico sustentável de uma região e é alcançado com o envolvimento das comunidades e a preocupação de gerar benefícios locais. Os benefícios virão com investimentos na infra-estrutura básica e na capacitação profissional para o turismo. O Ecoturismo no Brasil é ainda um desafio para compatibilizar o caráter de atividade econômica com a proteção ambiental e a participação das comunidades envolvidas.

1.3.3. Potencial econômico Vs. Proteção ambiental

Para garantir que o aspecto econômico não prevaleça sobre o ambiental, deve-se avaliar os impactos ambientais do Ecoturismo. Não deve ser desenvolvido em áreas que a visitação signifique degradação ambiental. Em destinos de Ecoturismo deve haver constantemente o monitoramento e o controle de impactos ambientais. Finalmente, os rendimentos econômicos do Ecoturismo devem ser destinados à proteção da área como um todo, e não se limitar apenas às áreas diretamente visitadas.

1.3.4. Potencial econômico Vs. Participação da comunidade.

O Ecoturismo tende a atrair investidores de fora da região e a comunidade local acaba marginalizada do mercado devido a sua incapacidade de manter o mesmo nível de investimentos. Dessa forma, veja-se:

Geralmente os impactos da atividade ecoturística sobre as comunidades são percebidos apenas quando atingem grandes dimensões e os benefícios esperados não ocorrem. (WWF, 2001).

Assim, a WWF sugere que mecanismos participativos e de interpretação das expectativas e necessidades das comunidades locais sejam consideradas na fase inicial do desenvolvimento da atividade.

Outro fator negativo é que a atividade começa a se desenvolver por força da demanda turística e não por iniciativa da comunidade local: O fluxo de turistas é o motivador do desenvolvimento do Ecoturismo e isto leva ao desenvolvimento descontrolado de infra-estrutura e serviços e à eventual destruição dos atrativos naturais e culturais. O estudo da WWF alerta que, devido ao dinamismo do turismo uma região, pode ser descoberta e abandonada com incrível rapidez.

No Brasil, o conceito de Ecoturismo foi criado em 1994 por um grupo interministerial que elaborou o documento “Diretrizes para uma Política Nacional de Ecoturismo para a Embratur”. De acordo com este documento, Ecoturismo é:

Um segmento da atividade turística que utiliza, de forma sustentável o patrimônio natural e cultural, incentiva sua conservação e busca a formação de uma consciência ambientalista por meio da interpretação do ambiente, promovendo o bem estar das populações envolvidas. (EMBRATUR, 1999).

Analizando esta definição, a WWF sugere que a Embratur dá igual valor às questões culturais e ambientais, introduz a necessidade de práticas de educação ambiental e contempla a necessidade de participação das comunidades impactadas pelo turismo nos benefícios decorrentes de sua atividade. É, portanto, um conceito que procura um

equilíbrio entre as questões ecológicas e sociais, refletindo uma tendência mundial em reconhecer que a participação comunitária é crítica para o sucesso de qualquer iniciativa de Ecoturismo. (WWF, 2001).

O mercado brasileiro de operadores de Ecoturismo assim define o Ecoturismo: “... Toda atividade turística realizada em área natural com o objetivo de observação e conhecimento da flora, fauna e aspectos cênicos (com ou sem sentido de aventura); prática de esportes e realização de pesquisas científicas”.(WWF, 2001).

Para a WWF-Brasil, o Ecoturismo deve ser visto como uma forma de turismo responsável e a indústria do turismo precisa aceitar a responsabilidade por seus impactos no ambiente. Recomendam-se os seguintes princípios nessa busca:

- O turismo deve ser parte de um desenvolvimento sustentável amplo e de suporte para a conservação;
- O turismo deve usar os recursos naturais de modo sustentável;
- O turismo deve eliminar o consumo insustentável e minimizar a poluição e o desperdício;
- O turismo deve respeitar as culturas locais e prover benefícios e oportunidades para as comunidades locais;
- Finalmente, que o turismo deve ser informativo e educacional. (WWF, 2001).

1.3.5. O perfil do ecoturista

Fennel (2002) destaca que apesar das pesquisas já realizadas para identificar o perfil do ecoturista, elas ainda estão em estágio precoce, “a literatura aponta o fato de que o

Ecoturismo é só um aspecto do turismo orientado à natureza, que inclui muitos outros tipos de turismo e de recreação ao ar livre, tanto predatórios como não predatórios.”

Kusler (apud, Fennel, 2002) classifica os ecoturistas em três grupos:

1. Ecoturistas do Tipo “faça você mesmo”, que compreende o maior percentual de ecoturistas e são determinados pela grande flexibilidade quanto à hospedagem e locais visitados;
2. Ecoturistas em excursões, que buscam organização e destinos exóticos;
3. Grupos de escolas ou científicos, que são grupos envolvidos em pesquisas científicas, permanecem mais tempo no local e enfrentam condições locais mais duras.

Já Lindberg (apud Fennel, 2002), considera a dedicação, o tempo, o destino e a maneira de viajar. Assim, classificou-os em quatro tipos:

1. Turistas na natureza, em condições mais duras: grupos de escolas ou científicos;
2. Turistas na natureza, mais dedicados: buscam áreas protegidas ou história natural e cultural local;
3. Turistas na natureza, nos lugares em voga: buscam destinos da moda;
4. Turistas na natureza, casuais: vivenciam a natureza como parte de uma viagem mais ampla.

Os primeiros estudos mostraram que o ecoturista era, predominantemente, do sexo masculino, bem educado, rico e permanecia muito tempo no local. A faixa etária estaria entre 54 e 69 anos. Segundo Fennell (2002), o perfil do ecoturista poderá mudar em função dos tipos de experiências, produtos oferecidos e a maturidade do setor ecoturístico.

As pesquisas realizadas mostram que os ecoturistas buscam experiências novas, ativas e com muita aventura. Os ecoturistas buscam atrações ao ar livre em áreas protegidas, rurais, de vida selvagem e parques. Ressalta-se que há uma diferença entre os ecoturistas e viajantes comuns em termos de preferências e necessidades relacionadas à viagem, motivações e benefícios almejados. Assim, conclui-se que são necessários mais

estudos para aprofundar o conceito de quem é o ecoturista em relação a outros tipos de turista.

Com os conceitos de Sustentabilidade, Turismo e Ecoturismo já trabalhados, parte-se agora para a descrição do objeto desse estudo: **a Amazônia e o seu turismo**, oferecendo como referencial o Estado do Amazonas.

CAPÍTULO 2- AMAZONAS: DESTINO PECULIAR DO ECOTURISMO

2.1-BIOMA

Segundo estudo da WWF sobre o bioma da Amazônia, na região vive e se reproduzem mais de um terço das espécies existentes no planeta, porém, este gigante tropical de 4,1 milhões de km², possui ecossistema local frágil. “A floresta vive do seu próprio material orgânico, em meio a um ambiente úmido, com chuvas abundantes. A menor imprudência pode causar danos irreversíveis ao seu equilíbrio delicado”.(WWF, 2002).

A floresta abriga 2.500 espécies de árvores (um terço da madeira tropical do planeta), sendo assim, o uso dos recursos florestais pode ser estratégico para o desenvolvimento da região, já que a região é detentora da maior reserva de madeira tropical do mundo. Além da importância de suas florestas, a Amazônia possui também a maior bacia hidrográfica do mundo com 1.100 afluentes: “A Amazônia é também o mundo das águas onde os cursos d’água se comunicam e sazonalmente sofrem a ação das marés”. (WWF, 2002). Seu principal rio, o Amazonas, corta a região para desaguar no Oceano Atlântico, lançando no mar, a cada segundo, cerca de 175 milhões de litros de água.

A Amazônia é uma região vasta e rica em recursos naturais. Além do grande estoque de madeira, é rica também em borracha, castanha, peixe, minérios e outros. Possui baixa densidade demográfica (2 habitantes por km²) e crescente urbanização. Sua riqueza cultural inclui o conhecimento tradicional sobre os usos e a forma de explorar esses recursos sem esgotá-los nem destruir o habitat natural. (WWF, 2002). No entanto, a região apresenta índices sócio-econômicos muito baixos e enfrenta obstáculos geográficos e de falta de infra-estrutura e de tecnologia, o que eleva o custo da exploração.

Este território forma uma das regiões mais cobiçadas do planeta: a Floresta Amazônica, as riquezas naturais, a majestosa fauna e flora, o encanto dos rios que não se misturam, o pico mais alto do Brasil, e o maior arquipélago fluvial do mundo formam o conjunto de atrativos do Amazonas. Por isso, o Amazonas é o maior estado do Brasil. Os números da Amazônia são grandes. Projeções apontam que cerca de dois milhões de espécies habitam uma região de cerca de 1,5 milhão de km quadrados. Além disso, a fauna da região também é variada, e, assim como no

reino vegetal, há muitas espécies que só ocorrem na região. A vitória Régia é a flor símbolo da Amazônia.

Faz-se necessário, um breve, parênteses com os dados oriundos do Portal Oficial do Estado do Amazonas no intuito de se fornecer um panorama deste Estado.

2.2-HISTÓRIA

O nome "Amazonas" é de origem indígena, da palavra amassunu, que quer dizer "ruído de águas, água que retumba". Esse nome foi dado pelo capitão Espanhol Francisco Orelhana, quando ao descer um grande rio em 1541 encontrou uma tribo de índias guerreiras, com a qual lutou. Associando à saga das Amazonas, deu esse nome inicialmente ao rio, o que depois se estende à todo região.

A região amazônica, pelo Tratado de Tordesilhas, assinado entre Espanha e Portugal em 1494, pertencia à Espanha. No entanto, no início do século XVII, a área passou a ser alvo de incursões portuguesas. As disputas com a Espanha terminaram com a assinatura do Tratado de Madrid, em 1750, que deu a Portugal a posse definitiva de grande parte da região. Em 1850, D. Pedro II criou a província do Amazonas.

No início do século XX, a exploração da seringueira levou muita riqueza à região. Exaurido o ciclo da borracha, quando seringais passaram a ser cultivados nas colônias inglesas e holandesas do Oriente, em especial na Malásia, a Amazônia entrou em decadência econômica. A estagnação durou até 1950, quando a região, por iniciativas do Governo Federal, começou a retomar seu crescimento. Esse processo culminou com a criação, no início da década de 60, da Superintendência de Desenvolvimento da Amazônia (Sudam), uma agência de desenvolvimento regional e, em 1967, com a implantação da Zona Franca de Manaus (Suframa), alavanca para a industrialização do Estado.

2.3-MUNICÍPIOS

O Estado do Amazonas possui 62 municípios espalhados numa área de 1.567.953 km². Entre os mais importantes, destacam-se:

Itacoatiara - A cidade possui atrativos naturais e culturais, como lagos, rios, formações rochosas. No início de setembro realiza-se o Festival da Canção de Itacoatiara. Distante 240 quilômetros pela rodovia AM 001.

Manacapuru - Situada a apenas 80 quilômetros de Manaus, a pequena cidade banhada pelo rio Solimões é cercada por bela paisagem. Há lagos, rios e fazendas. Acesso pela travessia do rio Negro de Balsa no porto de São Raimundo.

Maués - No final de novembro realiza-se a Festa do Guaraná, a segunda maior festa popular do interior. A região é conhecida pela exuberância das praias de areias muito alvas e extensas. Distante 365 quilômetros a leste de Manaus via fluvial. Há linhas regulares de barcos. Há vôos no período das festividades.

Parintins - Cidade onde em junho realiza-se o maior festival folclórico do Amazonas. Possui belos atrativos naturais pela sua localização na Ilha de Tupinambarana. O município está situado a 420 quilômetros a leste de Manaus por via fluvial. Linhas regulares de barcos. Em junho há excursões e vôos *charters*.

Presidente Figueiredo - Conhecido pelas grandes cavernas e cachoeiras e uma exuberante flora com variedade de orquídea. Interessante ainda uma visita a Vila de *Balbina*. Distante a 150 quilômetros ao norte pela BR-174.

São Gabriel da Cachoeira- Situado no alto Rio Negro, a 1,6 mil quilômetros (por via fluvial) a noroeste de Manaus, o município de São Gabriel possui grandes atrativos naturais. Na região do rio Negro existem corredeiras, com pedras no leito e ilhas que emergem no período da vazante. Em São Gabriel há o parque Nacional do Pico da Neblina, o segundo maior do país; o Parque Nacional do Pico 31 de Março; o Parque Nacional do Pico Guimarães Rosa e a Reserva Florestal do Rio Negro. A região é marcada pela presença indígena. Há pelo menos

13 grandes nações no Alto Rio Negro, entre elas os *Tukano, Baniwa, Yanomami, e Tariano*, possuindo todos rico artesanato.

2.4 –CULTURA E TRADIÇÕES

O folclore Amazonense de forte predominância indígena. Ele também foi influenciado pelas culturas portuguesa e nordestina. A gastronomia local oferece uma variedade de pratos com dominância indígena, sendo o pescado a base da culinária do amazonense. Frutas tropicais de sabor marcante, pimentas e a farinha de mandioca marcam a culinária regional refletindo a exuberância da natureza. Em junho, a programação se concentra nos festivais folclóricos de Manaus e Parintins, tendo a natureza e o misticismo como expressões básicas. As manifestações populares acontecem na capital e em várias cidades do interior.

Em Manaus, há mais de 30 anos é realizada a festa com os “*bumbás*” *Corre-Campo, Brilhante, Gitano, Tira-Teima e Tira-Prosa*. Há também quadrilhas, cirandas e danças nordestinas apresentadas em espetáculos no Centro Cultural do Amazonas.

Em Parintins, nos últimos três dias do mês de junho, 35 mil pessoas dividem a torcida pelos dois grandes *bumbás*: Garantido, cores vermelho e branco, e o Caprichoso, cores azul e branco. É o mais disputado festival folclórico do Amazonas devido à riqueza das apresentações que transmitem as lendas e mitologia indígena daquela região. As apresentações se dão no *Bumbódromo* de Parintins.

Por ser uma das grandes manifestações folclóricas, e por isso mesmo turística, merece um tratamento mais detalhado.

2.4.1-Festival de Parintins

Figuras típicas como Pai Francisco, Mãe *Catirina, Tuchauas, Cunhã-Poranga, Pajé* e diversas tribos indígenas cantam e dançam no ritmo alucinante e contagiente das toadas de boi. Esta é uma das cenas que podem ser vistas durante o Festival de Parintins, considerado uma das maiores manifestações culturais do Brasil.

O espetáculo transforma-se numa verdadeira batalha folclórica, onde os guerreiros são os simpatizantes dos *Bumbás Garantido* (Vermelho e Branco) e *Caprichoso* (Azul e Branco). Na avenida, durante quase seis horas, a cada noite, sempre no final do mês de junho, eles encenam um verdadeiro ritual festivo, que a todos encanta. São belas mulheres e homens, luxo, fantasias e muita coreografia. A grande festa começa com uma recepção chamada "Festa dos Visitantes" que acontece no Clube Ilha Verde e nos currais dos bumbas Garantido e Caprichoso.

O BOI BUMBÁ GARANTIDO - "Vermelho, vermelhaço, vermelhusco, vermelhante, vermelhão". O Garantido é o grande vencedor de títulos e tem, inclusive, um pentacampeonato. Em 88 anos de existência já conquistou 22 títulos. O grupo foi Fundado em 1913, por Lindolfo Monte verde, na baixa do São José, em Parintins, onde ainda hoje está o seu curral. A partir de 1999, os ensaios passaram a ser realizados na nova sede, denominada "Cidade Garantido". Em maio de 1982, tornou-se uma Associação.

O BOI BUMBÁ CAPRICHOSO - O azul e branco é o bumbá da parte baixa da cidade, como é conhecido, e onde está o seu curral. O Caprichoso já conquistou 15 títulos. O ano de fundação também é 1913, por Emídio Rodrigues Vieira. A marca do Caprichoso é a valorização de suas raízes culturais, que transforma as suas apresentações em uma brincadeira folclórica onde resgata sua tradição voltando a dançar em frente das casas como se fazia antigamente.

O local onde acontecem as apresentações dos bois Garantido e Caprichoso é o Bumbódromo de Parintins, ou Centro de Convenções Amazonino Mendes, que foi inaugurado em 24 de junho de 1988. O espaço é um dos maiores centros culturais e desportivos do Estado do Amazonas. Além das grandes noites do festival, o Bumbódromo ao longo de todo ano é palco de grandes manifestações sócio-culturais. Com formato estilizado de uma cabeça de boi, tem capacidade para aproximadamente 35.000 espectadores, distribuídos em Tribuna de Honra, Camarotes, Arquibancadas Especiais, Cadeiras Numeradas e Arquibancadas.

O município de 50 mil habitantes durante o ano inteiro respira folclore e cultura. Para chegar a Parintins o acesso são as vias área e fluvial. O tempo de viagem de avião é de aproximadamente 1h e 15 minutos. Pelo rio, o percurso é longo e demorado. Em média são 18 horas de viagem, saindo do porto de Manaus.

2.5-ATRAÇÕES TURÍSTICAS

O visitante tem a oportunidade de conhecer, aprender e valorizar a importância da Floresta Tropical e os que nela vivem, principais responsáveis pela sua conservação. O turismo ecológico no Estado faz parte dos roteiros oferecidos pelas agências de viagens. Programas de barco, pernoites de selva e passeios pela floresta são as maiores ofertas.

O Amazonas foi o primeiro estado a oferecer os alojamentos de selva, conhecidos por “*lodges*” ou hotéis de selva, empreendimentos construídos em meio à selva ou na margem de rios ou, ainda, flutuando sobre as águas amazônicas (ver anexo). Permite-se ao visitante se sentir, de fato, integrado ao universo da floresta.

Outros estabelecimentos ainda não possuem luz elétrica e acompanham o “*modus vivendi*” de uma parte da população amazônica dos altos rios. O visitante poderá dormir em redes, coberto por mosquiteiro, à luz de lamparinas, e acordará com o canto dos pássaros.

Existem também os “*resorts*” que propõem aos hóspedes, em moldes rústicos no que se refere ao estilo arquitetônico, todo o conforto em seus bangalôs sobre as águas e nos salões centrais dos restaurantes que os servem. Além disso, há pernoites em estruturas na copa das árvores, oferecendo ao visitante a sensação de um “Tarzan Amazônico”.

Como atividade noturna de grande interesse para os turistas tem-se a “focagem de jacarés”, onde o animal é imobilizado pela luz das lanternas dirigidas aos seus olhos.

Entre os principais atrativos aos turistas no Amazonas tem-se:

1-Anavilhas, o maior arquipélago do mundo.

Localizado no rio Negro, o arquipélago das Anavilhas é formado por cerca de 400 ilhas dispostas em forma de corrente, abrigando complexos e delicados ecossistemas da Amazônia. A região é protegida pela legislação federal que criou a Estação Ecológica de Anavilhas com 350 mil hectares.

No período das cheias do rio Negro, entre novembro e abril, metade das ilhas fica submersa, enquanto os animais se refugiam nas partes mais altas. Quando inicia a vazante das águas as ilhas revelam praias e canais que entrecortam toda a região, como uma malha distribuída ao longo de aproximadamente 90 quilômetros.

A região de Anavilhanas está situada próxima ao Parque Nacional do Jaú, a maior reserva florestal da América do Sul, com 2.27 milhões de hectares, também banhada pelo rio Negro. Possui fauna e flora riquíssimas e animais ameaçados de extinção como o peixe-boi e a ariranha. A localidade mais próxima é a singela cidade de Novo Airão. O principal acesso é pelo Rio Negro (40 minutos de Novo Airão e 4 horas de Manaus). O percurso é feito de lancha voadeira. O acesso por via terrestre pode ser feito pela estrada Manacapuru-Novo Airão. Por ser um local protegido por lei, a Estação somente atende a pesquisadores e ações de educação ambiental.

2- Mamirauá, habitat de mamíferos curiosos.

A Reserva de Desenvolvimento Sustentável *Mamirauá* (RDSM) foi criada em 1990 como Estação Ecológica pelo Governo do Estado do Amazonas. Em 1996, coincidindo com a conclusão do Plano de Manejo da Reserva, ela foi transformada na categoria, então inédita, em Reserva de Desenvolvimento Sustentável (RDS), também pelo Governo Estadual. A reserva possui mais de 300 espécies de peixes catalogadas, incluindo os ornamentais, como o acará-disco *Synphysodon aequifasciatus*.

Em *Mamirauá* vivem também cerca de 400 espécies de aves e pelo menos 45 espécies de mamíferos. Um dos mais estranhos é o *uacari-branco* *Cacajao calvus*, um macaco de quatro quilos, que se alimenta quase exclusivamente de sementes de frutos imaturos. Os *uacaris* vivem em bandos de até 50 indivíduos e andam muitos quilômetros por dia, à procura de seus alimentos preferidos. Também endêmico em *Mamirauá* é o *macaco-de-cheiro*, *Saimiri Vanzolini*.

Os lagos abrigam o peixe-boi, *Trichechus inunguis*, e o boto vermelho, *Inia geoffrensis*. Algumas das espécies mais importantes das madeiras tropicais ainda se encontram nas áreas protegidas da Reserva *Mamirauá*. A reserva também possui outros moradores, os humanos. As populações locais ajudam a preservar a reserva por meio do envolvimento nas atividades de pesquisa, extensão e manejo da unidade. A RDSM é uma das unidades internacionalmente protegidas e foi inicialmente proposta como uma das áreas a integrar uma futura Reserva da

Biosfera na Amazônia Brasileira, da UNESCO. Atualmente faz parte de um dos Corredores Ecológicos a ser implantado pelo PP-G/7, Programa de Proteção das Florestas Tropicais Brasileiras.

3-Parque Nacional do Jaú.

O Parque Nacional do Jaú foi criado em 1980. É a maior área protegida do Brasil, com 2.272.000 hectares e perímetro de 540 km. Localiza-se no estado do Amazonas, na Bacia do Rio Jaú, entre os municípios de Novo Airão e Barcelos. O acesso fluvial é por meio do Rio Negro, em barco ou Hidroavião (monomotor durante 1 hora, bimotor 45 minutos e helicóptero 1h: 10mm) e por meio terrestre através da estrada Manacapuru/Novo Airão. A cidade mais próxima da unidade é Novo Airão, que fica a uma distância de 150 km da capital. Conta com a exuberância da Floresta Amazônica e toda sua biodiversidade de flora e fauna.

4-Pico da Neblina, o ponto culminante do país.

O Parque Nacional do Pico da Neblina foi criado em 1979. Está localizado no habitat da representação indígena mais expressiva do país, os *Yanomami*. Possui uma área de aproximadamente 2.200.000 ha no estado do Amazonas, no município de São Gabriel da Cachoeira. Atualmente, os transportes fluvial e aéreo são as opções para se chegar até o Parque. O acesso fluvial é feito por meio do igarapé *Itamirim* e dos rios *Cauaburi* e *Sá*. A cidade mais próxima à unidade é São Gabriel da Cachoeira, que fica a 900 km de distância da capital. O Parque, além de contar com a extraordinária beleza paisagística do conjunto de montanhas e de sua flora, inclui o ponto culminante do nosso país, com 3.014 metros de altitude.

5-Lago da Piranha, rota de aves migratórias.

Está localizado no município de Manacapuru. Faz parte do Corredor da Amazônia Central. A Reserva de Desenvolvimento Sustentável (RDS), do Lago da Piranha caracteriza-se como área prioritária para a conservação do Projeto Nacional de Corredores Ecológicos. Criada com o objetivo de proteger o rico e delicado ecossistema da várzea, promover o desenvolvimento sustentável e melhorar a qualidade de vida das comunidades locais, propiciando, também, um grande potencial para pesquisa, Ecoturismo, e educação ambiental. A RDS do Piranha possui 103.000 ha que representam 14% do território do município de Manacapuru e está situada à margem esquerda do

Rio Solimões, próximo à foz do Rio Manacapuru. Possui um hotel flutuante que, além de utilizar a mão-de-obra local, é o primeiro da região com tratamento de água e esgoto.

A Reserva é rota migratória e de reprodução de aves como: a garça branca, o jaburu, o jaçanã, e o pato do mato. Possui também grande variedade de peixes, destacando-se o exótico *acari-bodó* (*Loricaria duodecimalis*). A vegetação da região é tipicamente de várzea, que se forma numa planície inundada e sujeita a cheias sazonais. As espécies vegetais mais freqüentes são: *samaúma*, *assacu*, *axixá*, gramíneas e agrupamentos de palmeiras. Distante cerca de 110 km de Manaus (aproximadamente 1 hora de barco ou 15 minutos de hidroavião) e 25 km de Manacapuru, a Reserva oferece os seguintes atrativos: observação de pássaros, observação da flora, caminhadas em trilhas interpretativas, pesca esportiva, safári fotográfico, observação de fauna.

6-Parque Ecológico de Janauary.

O Parque Ecológico do Janauary, localizado no rio Negro, a apenas 45 minutos de barco de Manaus, concentra vários ecossistemas da região e tem a vantagem de ser acessível aos viajantes. A área de 9 mil hectares possui matas de terra firme, várzea e igapós e é administrada por um consórcio turístico formado por empresas do setor com consentimento do Governo do Estado.

No local, os turistas passeiam de canoa pelos igapós entrecortados de grandes e pequenas árvores com cipós, vegetação típica desse ecossistema. No Lago das Vitórias-Régias há uma passarela rústica mas segura que leva o visitante a conhecer esta bela flor amazônica. As agências oferecem passeios diários para o Lago Janauary com a duração de algumas horas, ou o pacote incluindo o almoço em restaurante flutuante. No local são servidos pratos à base de peixes da culinária regional. Há venda de artesanato dos ribeirinhos. Os pacotes incluem a passagem pelo Encontro das Águas.

7-Encontro das Águas

É um fenômeno que acontece a aproximadamente 10 km de Manaus. As águas escuras do rio Negro se encontram com as águas barrentas e paradas do rio Solimões. Elas correm lado a lado, sem se misturarem, por uma extensão de cerca de 6 km, quando passam então a formar o rio Amazonas, até chegar ao oceano Atlântico. É um capricho da natureza muito apreciado por turistas.

A explicação para o fenômeno deve-se a grande diferença de densidade, temperatura e velocidade de ambos os rios.

Encerrando este pequeno recorrido pelo Estado do Amazonas, e a título de ilustração e aprofundamento dos raciocínios reproduzidos neste dois capítulos, considerou-se importante colocar algumas análises resultantes de uma expedição coordenada à região.

2.6- EXPEDIÇÃO AMAZÔNICA

Relatório Técnico de Atividades da Expedição Amazônica –Etapa Rio Solimões II Tabatinga –Coari 23-Jan à 28-Fev /1996.

A Expedição Amazônica realizou uma ampla coleta de dados e informações propiciando a realização de pesquisas e experiências para os estudos e diagnósticos por parte de cientistas, especialistas e ecologistas que dela participaram.

A Expedição foi idealizada com o propósito de resgatar a natureza e o sentimento das expedições científicas realizadas por naturalistas no século XIX, como Von Martins, Langsdorff e Saint-Hilaire, tornando contemporânea a abordagem, agora numa visão multi e interdisciplinar, e por tratar-se do estudo de sociedades complexas. A Expedição partiu de Tabatinga em 23 de janeiro de 1996 e finalizou em Coari em 28 de fevereiro de 1996, percorrendo os seguintes municípios do Amazonas:

Tabatinga/Letícia; Benjamin Constant; Reserva Indígena Belém dos Solimões; Reserva Indígena Vendaval; Reserva Indígena Campo Alegre; Santa Rita do Well; São Paulo de Oliveira; São Sebastião /Niterói; Amaturá; Reserva Indígena Betânia; Reserva Indígena Nova Itália; Santo Antônio do Içai; Tocantins; Foz do Jutaí; Fonte Boa; Tamaniquá/Juruá; Uairini; Alvarães; Tefé; Barro Alto; Coari e Manaus.

Objetivou-se buscar o conhecimento dos problemas ambientais e sociais da Região Amazônica e estimular a participação das comunidades em programas, projetos e ações de combate à fome e a pobreza, e ainda identificar e apoiar experiências e iniciativas de interesse ambiental e social. Tudo isso por meio do levantamento das necessidades e prioridades, visando-se subsidiar o planejamento de ações emergenciais em termos de meio ambiente e de melhoria das condições e da qualidade de vida. Desenvolveram-se ações de incentivo às vivências e às práticas de cidadania.

Buscou-se incentivar a tomada de consciência de parcela significativa da sociedade na busca de integração e solução dos problemas brasileiros.

Alguns relatórios e projetos resultantes da expedição apontaram um quadro que requeria a intervenção urgente das instituições governamentais, e mesmo privadas, no sentido de se buscar caminhos que apontassem soluções.

Somente na área de saúde foi detectado um quadro alarmante no trinômio: doença – saneamento-ambiente. Os dados laboratoriais demonstraram que 64 % da população portava o vírus da hepatite B.

“... a Amazônia tem características próprias com peculiaridades geográficas, cuja diversidade associada ao precário desenvolvimento político-institucional da região, ao seu perfil epidemiológico e a presença de várias etnias, constitui um grande desafio no sentido da organização de serviços de saúde e saneamento em padrões” *sui-generis* “e de qualidade aceitável”.–Equipe de Saúde da Expedição Amazônica.

Segundo a Equipe de Meio Ambiente, a questão ecológica do Rio Solimões é bastante sutil e contrastante. Observou-se a existência de ambientes de máxima, complexa e harmônica diversidade e equilíbrio ambiental, simultaneamente com outros locais aonde há maior concentração humana, com seus problemas de lixo acumulado e remissivo.

“Ficou claro que para o ribeirinho amazonense os recursos naturais têm sua importância reconhecida na medida em que lhe são úteis como bens de consumo, o que é uma consequência lógica da sua condição de extrativista. Não é comum ser reconhecido o valor genético, reprodutivo, ou mesmo turístico ornamental dos recursos naturais.” Equipe do Meio Ambiente da Expedição Amazônica.

Na avaliação da Equipe de Cultura, o sistema político adotado na região se refletia na expressão ouvida, muitas vezes, quando os nativos e ribeirinhos percebiam a isenção política dos membros da expedição: “até que enfim alguém lembrou de nós sem ser preciso prometer voto”.

“Aquela gente vive miseravelmente, sem perspectiva de melhoria da qualidade de vida. A presença da maioria dos políticos lhes causa dicotomia na família, sendo parte dela comprometida com A ou B, e outra parte com C e D, enquanto a educação, saúde, questões sociais e econômicas e ambientais estão sendo congeladas até quem sabe quando?” Equipe de Cultura da Expedição Amazônica.

A Equipe de Eco-Canoagem, que teve maior penetração no território Amazônico, pela capacidade de conseguir atingir as populações ribeirinhas mais isoladas, e, portanto esquecidas e entregues à própria sorte, visitou as instalações existentes nas cidades, que também faziam parte do

percurso, e constatou que, em geral havia tamanha falta de apoio e material nas escolas que a precária prática de atividades físicas e escolares era reflexo desse quadro desolador.

Em contrapartida a toda essa carência percebeu-se uma forte fonte cultural proveniente do folclore. Cadastrou-se mais de 30 danças, diferentes, no percurso de Tabatinga a Coari, cada qual contando uma parte da história deste povo e do Brasil.

“Eles dançam as lendas, dançam o trabalho, dançam os antepassados..... pudemos ouvir compositores e músicos espetaculares como também artistas incríveis”. Foi notada a influência dos índios amazonenses na língua, na comida, na música e nos costumes e, de maneira geral, em toda a cultura da região.

As equipes foram unânimes no entendimento de que não se pode ver a Amazônia como um processo sistêmico isolado, pois não é a diferença e sim a forte carência que faz com que qualquer benefício seja do tamanho de sua própria importância.

“A Floreta Amazônica não é só flora e fauna. Existem pessoas lá. Demandam de quase tudo, e mesmo assim, voltamos com mais bagagem para nossas vidas do que ajuda que pudemos deixar para eles. Tamanha a riqueza do povo amazonense”. Diana Nishimura Carneiro-Coordenadora da Equipe de Eco-Canoagem.

Considerando que as informações acima descritas já se pode montar um pano de fundo para melhor compreensão deste trabalho, passa a ser a partir de agora a atuação do governo e da sociedade civil na região, que é o centro de interesse desse estudo.

CAPÍTULO 3- INTENÇÕES E ATUAÇÕES

Os estudos turísticos reconhecem de forma crescente que o modelo de turismo (sol e praia), leia-se também (turismo de massa), vem perdendo sua força num âmbito mundial e que cresce paralelamente uma procura por outros lugares ainda não explorados.

Irving e Azevedo (2002) expressam muito bem esse fenômeno:

“Tenho falado, que existe no mundo todo, uma tendência voltada para um novo ciclo de relação homem/natureza. Uma tendência que privilegia as relações entre as próprias populações humanas, freqüentemente incorporadas ao denominado ciclo da intuição”. Prossegue ainda afirmando a unanimidade entre cientistas políticos e sociais em apontarem como tendência futura do homem retornar à natureza, ao silêncio, à solidariedade, havendo um resgate dos valores já não priorizados pelo homem pós-industrial e moderno, e estabelece ainda o vínculo entre o veloz crescimento do turismo de natureza e os valores intrínsecos ao homem. “O perfil do turista moderno está mais interessado em vivenciar, em experimentar, não só o valor da natureza, mas o que realmente existe de diferencial na cultura local. Todas as pesquisas vêm apontando que o turista moderno quer ter experiência profunda e vivencial do lugar”.

A Amazônia surge, então, como o grande filão a ser aproveitado frente a essa diferenciação. Porém, até mesmo em tais áreas dois modelos se impõem: o Ecoturismo, preocupado basicamente com a sustentabilidade sócio ambiental e o turismo de *Resorts* ou *Lodges*, com a preocupação centrada no retorno econômico.

Esses dois enfoques, que serão a partir de agora detalhados, podem ser facilmente identificados dentro da política governamental para a região e na proposta de turismo comunitário de uma organização não governamental.

3.1-AÇÃO GOVERNAMENTAL.

3.1.1-Programa de Desenvolvimento do Ecoturismo na Amazônia Legal- PROECOTUR.

O governo federal vem promovendo o Ecoturismo na Amazônia brasileira, através do denominado Turismo Verde, como alternativa econômica para o desenvolvimento sustentável

da região. O Turismo Verde é um dos programas prioritários do Governo Federal inserido no Avança Brasil. Abarca o Programa de Desenvolvimento de Ecoturismo da Amazônia Legal - PROECOTUR e amplia a previsão de recursos e ações na mesma direção.

O Ministério do Meio Ambiente, em conjunto com o Ministério do Esporte e Turismo, representantes dos governos dos estados e contado com a participação da sociedade e do setor privado de turismo, desenhou e dimensionou o Programa de Desenvolvimento do Ecoturismo na Amazônia Legal – PROECOTUR.

“Precisamos oferecer às comunidades da região alguma opção econômica em que o ecossistema conservado seja uma fonte de renda. Com isso, aliamos valorização cultural, educação ambiental e conservação do meio ambiente. Mas a grande vantagem do Programa é a possibilidade de transformar os atrativos da região em produtos ecoturísticos de qualidade, que possam atender às demandas existentes. Muitos querem conhecer melhor a Amazônia, mas ainda não oferecemos as melhores condições aos nossos visitantes. O Proecotur visa sanar essa deficiência”.(Soavinski,1996)

Dentro deste contexto, o Governo Brasileiro firmou um contrato de empréstimo com o Banco Interamericano de Desenvolvimento – BID, para financiamento do PROECOTUR. O programa teve como executor o MMA / Secretaria de Coordenação da Amazônia – (SCA), em parceria com o Ministério do Turismo (MET), o Instituto Brasileiro de Turismo – (EMBRATUR) , o Instituto Brasileiro de Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis – (IBAMA) e, os nove Estados que compõem a Amazônia Legal (Acre, Amapá, Amazonas, Maranhão, Mato Grosso, Pará, Rondônia, Roraima e Tocantins). Sua coordenação ficou a cargo da Unidade de Gerenciamento do Programa (UGP), no âmbito da SCA, juntamente com os Núcleos de Gerenciamento do Programa (NGP), instituídos nos Estados e no IBAMA.

A Secretaria de Coordenação da Amazônia (SCA) possuiu o papel de coordenar a implementação de programas e projetos especiais de meio ambiente na Amazônia, visando a promoção do desenvolvimento sustentável da região.

“A promoção do Ecoturismo no Brasil, em especial na região amazônica, insere-se na macro-estratégia de conservação da biodiversidade daquele bioma, na medida em que constitui alternativa de geração de renda com baixo impacto ambiental. Sua implementação pressupõe, no entanto, uma intensa preparação, seja do ponto de vista da infra-estrutura nos municípios que serão objeto de intervenção, seja do ponto de vista da sensibilização das populações que os habitam, capacitando-as para atenderem às demandas relativas ao Ecoturismo e disseminando entre elas, os princípios básicos da conservação e da preservação dos ecossistemas”. (Allegretti,1996).

No que se refere à estrutura institucional foram criados os Grupos Técnicos Operacionais-(GTOs), compostos por membros municipais de planejamento e/ou de turismo, representantes locais de turismo ou agências de meio-ambiente, presidentes ou membros de ONGs locais, e por operadores particulares de turismo e de hotelaria. Estes comitês de fortalecimento representam as raízes do programa proposto. Eles foram os principais condutores de coordenação das atividades do programa que foram empreendidas a nível local. Além disto, eles foram beneficiários dos cursos de treinamento previstos. Por fim, eles também acompanharam e monitoraram as tarefas dos consultores que atuaram a nível local.

3.1.2 Fases do Programa.

As ações previstas para implementação dividiram-se em duas partes: a fase de pré-investimento (I), com custos na ordem de US\$ 13,8 milhões e prazo de até três anos a partir de janeiro 2000, e a fase de investimento (II) com orçamento de US\$ 200 milhões com prazo de três anos. Coube ressaltar que o programa estava contemplado no Plano Plurianual – PPA (2000 a 2003), no âmbito do Turismo Verde.

A fase de pré-investimentos teve como finalidade o planejamento estratégico dos investimentos a serem implantados na fase de investimentos como também demonstrar sua viabilidade técnica, econômica, ambiental, financeira e social.

Uma vez concluída a fase de pré-investimentos a região estava preparada para receber os investimentos em capacitação, infra-estrutura, marketing, proteção dos atrativos e financiamento de empreendimentos que foram necessários para gerar fluxos de visitantes. Estes investimentos estavam concentrados inicialmente nos pólos de Ecoturismo selecionados pelos estados participantes.

3.1.3 Pólos de Ecoturismo.

Os pólos são as zonas prioritárias nas quais o poder público implantará projetos e normas visando à atração de empreendimentos ecoturísticos particulares. Não são necessariamente definidos geograficamente podendo consistir de corredores turísticos ou de grupos de atrativos complementares unidos por um roteiro turístico. Seu planejamento visa maximizar a competitividade da região como destino de Ecoturismo internacional; minimizar a concorrência entre estados, mediante a identificação de nichos de mercado diferenciados para cada estado; maximizar a viabilidade econômica e minimizar os riscos financeiros dos empreendimentos de Ecoturismo a serem implantados em cada pólo.

3.2-SOCIEDADE CIVIL:

3.2.1-Ecoturismo integrado ao manejo de várzea em Silves (AM)

Silves é um município do estado do Amazonas e sua sede administrativa está localizada em uma ilha fluvial do rio Urubu, numa região de lagos, a 300 quilômetros de Manaus. Há 23 anos a comunidade da região vem buscando meios para a defesa de seus recursos pesqueiros, ameaçados pela pesca comercial. A exploração predatória tem se multiplicado na Amazônia devido ao aumento da demanda urbana por peixe e à queda nos preços de outros produtos extrativistas. Com a ameaça ao estoque pesqueiro instalaram-se em Silves conflitos relativos ao uso dos recursos da várzea, que se repetem por toda a Amazônia.

Estes conflitos acontecem entre moradores locais, que praticam a pesca artesanal de subsistência, e pescadores comerciais das grandes cidades, que invadem sistemas de lagos e utilizam apetrechos de pesca inadequados. No caso de Silves, a pressão da comunidade levou à criação de três padrões de uso do sistema de lagos, rios e canais – lagos santuários, lagos de pesca de subsistência e áreas para a pesca comercial – através de Lei Municipal. Para implementar um sistema de manejo efetivo dos lagos, visando recuperar e conservar os estoques de peixe, a comunidade se articulou em organização não-governamental denominada

Associação de Silves pela Preservação Ambiental e Cultural (ASPAC). Em busca de fontes de financiamento para as atividades de conservação, a ASPAC iniciou um projeto comunitário de Ecoturismo.

Embora o potencial dessa atividade no Brasil seja imenso, trata-se de um conceito novo. A maioria dos empreendimentos existentes limita-se à exploração do "turismo na natureza", sem adotar os verdadeiros princípios do Ecoturismo: envolvimento e benefício das comunidades locais e uma fonte alternativa para a sustentação dos recursos naturais. Se implantado corretamente, o Ecoturismo pode contribuir para o manejo de áreas de relevância ambiental e, ao mesmo tempo, melhorar a qualidade de vida das populações. O Ecoturismo pode dar às populações os recursos para a proteção das áreas naturais visitadas, garantindo a atividade econômica, a geração de emprego e o aumento de renda familiar.

O objetivo do projeto é viabilizar o primeiro empreendimento comunitário de Ecoturismo da Amazônia integrado a um sistema de uso dos lagos, utilizando parte da renda obtida em benefício da conservação do sistema lacustre de pesca da região. Durante a primeira fase (1997-1999) foram desenvolvidos roteiros turísticos de caráter ambiental e educativo, aproveitando a excepcional paisagem da região e a cultura das populações tradicionais. Integrantes da ASPAC estão sendo capacitados para aprimorar o gerenciamento do hotel Aldeia dos Lagos. Isso inclui o treinamento dos funcionários para a melhoria dos serviços prestados. A ASPAC, atualmente, vem implementando um sistema de monitoramento e fiscalização dos lagos através da capacitação de agentes ambientais voluntários.

O WWF-Brasil dá suporte técnico e financeiro ao projeto desenvolvido em parceria com a ASPAC. As estratégias de conservação incluem iniciativas de políticas públicas junto aos governos municipal e estadual para garantir a efetivação das reservas de lagos e a organização de uma rede de entidades de pesquisa que consiga viabilizar tecnicamente o uso dos lagos de pesca. O sistema de uso em implantação pela ASPAC inclui o zoneamento em lagos de reprodução (onde a pesca é proibida), em lagos de manutenção (onde a pesca de subsistência é permitida) e em lagos de exploração (onde a pesca comercial é permitida nos termos da lei) e assemelha-se ao existente em outras áreas da Amazônia.

O maior resultado do projeto foi a construção do hotel Aldeia dos Lagos na Ilha de Silves. Ocupando uma área de 5 hectares, cedida pela prefeitura local, o hotel possui um módulo central, com administração, loja, cozinha e restaurante, 2 módulos para hóspedes, com 6 quartos cada um, e 1 módulo anexo onde funciona a sede da ASPAC. O hotel entrou em funcionamento em julho de 1996.

A ASPAC realiza, anualmente, treinamentos para a comunidade em recepção de turismo. Os funcionários do hotel são selecionados entre os participantes desses treinamentos. Para administrá-lo, a ASPAC auxiliou a comunidade a estruturar a primeira Cooperativa de Turismo da Amazônia.

Em 2000 o hotel Aldeia dos Lagos tornou-se auto-sustentável, gerando um lucro líquido de R\$25 mil. Vinte por cento da renda obtida com o hotel são investidos no manejo e fiscalização da reserva. O restante vai para um fundo de reserva para continuidade das atividades de Ecoturismo com a participação das comunidades ribeirinhas.

Em agosto de 2001 foi finalizada a reforma do hotel Aldeia dos Lagos que recebeu melhor infra-estrutura e teve sua área ampliada. Seus 12 apartamentos ganharam móveis novos, produzidos com madeiras amazônicas oriundas de florestas manejadas, aparelhos de ar-condicionado e frigobares. Além disso, houve investimentos em paisagismo no entorno das edificações. Com apoio do WWF-Brasil, a ASPAC participou do 1º Simpósio Internacional sobre Ecoturismo e Desenvolvimento Sustentável dos Países da Bacia Amazônica – *Ecotour Amazon 2001*. Durante o *Ecotour Amazon 2001*, a ASPAC e o WWF-Brasil organizaram e desenvolveram um *Tour de Familiarização* do produto. O evento foi organizado para melhorar a divulgação do hotel e apresentar sua reforma. Foram convidados jornalistas e operadores de turismo, entre outros.

As próximas ações estão voltadas para a consolidação do Ecoturismo por meio da implementação do plano de marketing, fortalecimento institucional da COOPTUR, busca da certificação do produto de Ecoturismo oferecido pelas comunidades (selo verde) e

envolvimento de novas comunidades ribeirinhas nas atividades de Ecoturismo e manejo dos lagos. Haverá continuidade no treinamento de integrantes da ASPAC para aprimorar o gerenciamento do hotel. Pretende-se reforçar o trabalho de fiscalização dos lagos por meio da capacitação de novos agentes ambientais, em parceria com o Ibama. Uma meta prevista é a retomada da Caravana Mergulhão, um projeto de educação ambiental. As atividades incluem orientações sobre pesca artesanal, mapeamento participativo, roçados alternativos e cuidados com o lixo. Encontros e reuniões serão promovidos para que as famílias de pescadores discutam os problemas da comunidade e busquem soluções.

Após estas breves descrições já se pode notar que as propostas contidas nos dois exemplos oferecidos formam o protótipo do turismo no estado do Amazonas. Porém, faz-se necessário buscar quais os pontos de divergência e de aproximação entre os dois modelos. Este é o objetivo do último capítulo deste estudo.

CAPÍTULO 4 -CONSIDERAÇÕES FINAIS.

A partir da descrição das propostas turísticas do capítulo anterior alguns problemas realçam de imediato. São eles que serão enumerados de forma sucinta neste capítulo, já que se sabe de antemão que os complexos projetos de desenvolvimento turístico estão sujeitos normalmente a mudanças dinâmicas, que geram novos e que por sua vez requerem soluções flexíveis.

Para facilitar a percepção de um quadro turístico sustentável tomou-se o cuidado de se separar os problemas atendendo às exigências da sustentabilidade já definidas anteriormente. Da mesma forma procurou-se seguir as observações contidas nas recomendações da Organização Mundial de Turismo em sua publicação “Desarollo Sostenible del Ecoturismo” (2001).

Destacou -se assim as seguintes exigências da Sustentabilidade, abaixo enumeradas, Ecológica, Econômica e Sociais :

1. Ecológica

- Falta de capacidade dos governos locais para responsabilizar-se pela gestão sustentável dos recursos naturais e do turismo;
- Falta de instrumentos legais para proteção e vigilância da natureza;
- Crescimento do número de visitantes sem pré-estabelecimento da capacidade de carga;
- Aumento dos detritos e da contaminação como conseqüência do acréscimo de visitantes.

2. Econômica

- Instabilidade econômica e política com a ausência de um planejamento contínuo;
- Dificuldade de acesso aos lugares turísticos;
- Ineficiência da promoção e dificuldade para atrair os mercados nacionais e internacionais;
- Falta de transparência na utilização de fundos públicos.

3. Sociais

- Atitude passiva por parte da população nativa;
- Falta de políticas de incentivo à participação local;
- Falta de preparação das comunidades locais frente à experiência turística.

Observa-se, portanto, que o turismo é uma atividade ambivalente podendo gerar riquezas, valorizar espaços, promover novas relações entre os povos, mas simultaneamente tornar-se predador natural, degradador ecológico e explorador econômico. Dessa forma, percebe-se de imediato que a proposta governamental não privilegia a preocupação com o meio ambiente, sendo esta, ao contrário, a prioridade do Projeto Silves.

Existe uma quase total despreocupação para manter a integridade do ecossistema, tratando-o como mais uma mercadoria verozmente consumida. Assim, a avaliação dos impactos sócio-ambientais deve constituir-se como instrumento indispensável a qualquer proposta turística a fim de reduzir as alterações à natureza principalmente em áreas ribeirinhas, como no caso do turismo no Amazonas.

Em termos econômicos, a atividade turística quando inserida nesta região entra num processo de expansão das atividades econômicas ligadas ao setor terciário e à demanda de lazer das populações urbanas. A Amazônia passa a se transformar em **produto econômico**, evidenciando uma postura utilitarista da natureza.

Por outro lado, o processo de expansão do turismo trás benefícios locais -abertura de ruas, infra-estrutura urbana e comércio - mas por outro lado, oferece pouco retorno financeiro à população local.

Quanto à sustentabilidade social há claras evidências do não comprometimento por parte dos atores locais e da administração estadual para a inclusão da participação e capacitação da comunidades nas decisões e gestão de suas potencialidades.

Por tudo que foi visto nota-se que existe um amplo repertório de problemas e logicamente de soluções, que podem ser mencionados. Porém, como o objetivo deste estudo é expandir a reflexão sobre a problemática turística no Amazonas, sente-se a necessidade de canalizar algumas propostas de solução para o espaço das atividades das operadoras e das agências de viagem, por ser esse assunto nem sempre arrolado como relevante para a discussão sobre sustentabilidade turística. Eis, portanto, algumas sugestões que seguem obedecendo às indicações da OMT :

- Implantação de programas de cooperação entre o governo (federal, estadual e municipal) e os operadores regionais e nacionais;
- Oferta de informação e inclusão desta na publicação de guias turísticos;
- Criação de associações de marketing de operadores e prestadores de serviço;
- Criação de redes regionais, sistemas de reserva, páginas na Web, e material impresso para fim de promoção;
- Promoção de uma melhor coordenação entre os operadores de turismo e as agências afins.

Como se vê, muito há ainda por se pesquisar em relação às alternativas turísticas como elemento de desenvolvimento sustentável para o estado do Amazonas. Este estudo só veio a comprovar a enorme lacuna que existe em relação a esta questão e quão novo é o caminho a ser trilhado.

Existem muitos argumentos macroeconômicos que insistem em realçar a contribuição do turismo ao crescimento econômico de localidades carentes, como no caso do Amazonas, onde a pobreza não combina com o enorme potencial da região. É certo que ele poderá reduzir a pobreza gerando emprego e diversificando os meios de subsistência da população, que dessa forma pode adicionar uma renda extra ao seu orçamento, mas não se pode correr o risco de pensar que a dependência exclusiva à economia turística leva a um retorno imediato e salvador.

Os problemas estruturais em tais regiões é tão grande que não basta boa vontade e mega planejamentos. A ação desenvolvimentista deve priorizar, a partir da participação ativa da população, porque só ela conhece sua realidade e seus limites, uma inter-relação entre o que se quer fazer e o que se pode fazer a médio e a longo prazo. Esse é o dilema das propostas turísticas ao envolver sustentabilidade e economia.

Percebe-se que as propostas governamentais, nesse caso apoiando a iniciativa privada, em muito se opõem às propostas das ONG ambientalistas que atuam na região amazônica. De um lado, uma grande preocupação com o meio ambiente e a sustentabilidade em seus três níveis, e por isso mesmo perdendo muitas vezes a força de seu discurso quanto ao retorno econômico imediato à população. Por outro lado os planos oficiais que, quando e se saem do papel, nem sempre respeitam esses mesmos níveis de sustentabilidade. A iniciativa privada em um mundo capitalista visa lucro, isso é óbvio. O dono de um hotel de selva oferece a **focagem**, mas não está preocupado no impacto desse ato na natureza. Buscar um meio termo é missão difícil, mas necessária.

As prioridades tradicionais do desenvolvimento turístico são a entrada de divisas e a oferta de emprego. Até o momento existe uma grande preocupação com o índice de crescimento do número de visitantes e a geração de renda no setor turístico mas, muito ou quase nada se tem visto sobre a distribuição dos benefícios reais para as populações locais. No caso da Amazônia com seu turismo tão diferenciado, marcado pela grande extensão territorial e dificuldade de acesso, torna-se quase impossível medir tais indicadores. Assim, os planejadores trabalham sobre dados imaginários e não se preocupam com as avaliações posteriores, que com certeza serão também marcadas pelo imaginário nem sempre convincente.

O intercâmbio com experiências bem sucedidas em outros países, com certeza, será de enorme valia para a prática consciente do turismo de natureza a ser implantado no estado do Amazonas. Tentativas de ação e erro transformarão ao final essa difícil realização em uma proposta viável e desejável, que vem a ser o impasse centrado no título deste estudo: Ecoturismo e sustentabilidade na Amazônia

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANSARAH, M. G.R. *Como aprender, como ensinar*.São Paulo: Editora SENAC, 2001.

BARBOSA, M.C. *Formação de um cluster em torno do turismo de natureza sustentável em Bonito*. Brasília: IPEA, 2000.

EMBRATUR. *Diretrizes para uma Política Nacional de Ecoturismo*. Brasília, 1994.

FARIA, D.S. de CARNEIRO, K. S. *Sustentabilidade ecológica no turismo*. Brasília: Editora UNB, 2001.

FENNELL, D. A. *Ecoturismo*. trad. Inês Lohbauer. São Paulo: Contexto, 2002.

FERREIRA,L.F. ; COUTINHO, M.C.B. Brasília: MMA/SCA/Proecotur, 2002.

IRVING, M. A; AZEVEDO, J. *Turismo: o desafio da sustentabilidade*. São Paulo: Futura, 2002.

LINDBERG, K; HAWKINS, D. E. *Ecoturismo: um guia para planejamento e gestão*. 4. ed. São Paulo: Editora SENAC, 2002.

MITRAUD, S. (org.).*Manual de Ecoturismo de Base Comunitária: ferramentas para um planejamento responsável*. Brasília: WWF-Brasil, 2003.

MOLINA, S. *Turismo e Ecologia*. trad. Josely Baptista. São Paulo: Edusc, 2001.

NETZ, S. *Guia de desenvolvimento do turismo sustentável*. Porto Alegre: Bookman, 2003.

OLIVEIRA, A.P. *Turismo e Desenvolvimento: planejamento e organização*. São Paulo: Atlas, 2001.

OMT. *Turismo Internacional: uma perspectiva global*. Porto Alegre: Bookmann, 2003.

OMT. *Turismo y Atenuación de la Pobreza*. Madrid: OMT, 2003.

PETROCCHI, M. *Gestão de Pólos Turísticos*. São Paulo: Futura, 2001.

PIRES, P. S. *Dimensões do ecoturismo*. São Paulo: Editora SENAC, 2002.

RELATÓRIO TÉCNICO DE ATIVIDADES DA EXPEDIÇÃO AMAZÔNICA. Etapa Rio Solimões II Tabatinga-Coari. 23 Jan à 28 Fev /1996.

SALVATI, S. S. *Certificação em Turismo*: lições mundiais e recomendações para o Brasil. Brasília: WWF-Brasil, 2001.

SANSOLO, J. *Turismo*: aproveitamento da biodiversidade para a sustentabilidade. São Paulo: Eco, 2002.

SWARBROOKE, J. *Turismo Sustentável*: conceitos e impacto ambiental. vol.1. São Paulo: Aleph, 2000.

Páginas WEB:

Amazonas, G. *Amazonas Tur Empresa Estadual de Turismo*. Manaus, fev. 2004. Seção Atrativos/Produtos Turísticos. Disponível na internet em
<<http://www.amazonastur.am.gov.br/programas.htm>>. Acesso em 23 fev 2004

Amazônia Descrição. Seção Bioma. Disponível na internet em
<<http://www.wwf.org.br/bioma.html>> Acesso em> Acesso em 23 mar 2004.

Ecoturismo Integrado ao Manejo de Várzea em Silves(AM). Município de Silves, 1994. Seção Outros Projetos. Disponível na internet em
<<http://www.wwf.org.Br/projetos/projeto.htm>>. Acesso em 07 mar 2004

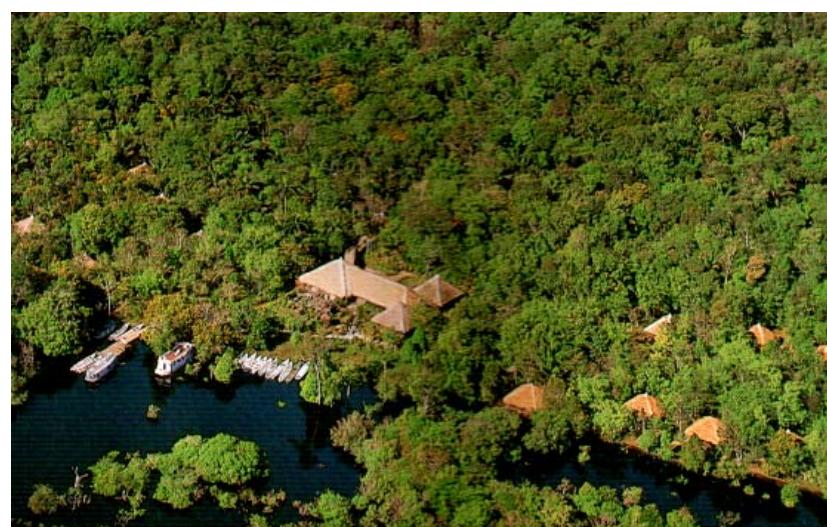
Governo Brasileiro Promove Ecoturismo na Amazônia. Manaus. Seção Secretaria de Coordenação da Amazônia . disponível na internet em
<<http://www.mma.gov.br/por/sca/capa/menu.html>>. Acesso em 07 mar 2004

Ingresso de turistas estrangeiros aumenta 8,12% em 2003. Brasília, jan. 2004. Seção Notícias do Turismo. Disponível na internet em <<http://www.turismo.gov.br/conteudo/ver.html>> Acesso em 23mar 2004.

O que é a Agenda 21 Brasileira Brasília, jul.2000. Seção Instituição .Disponível na internet em <<http://www.mma.gov.br/port/se/agen21.html>> Acesso em 05 abr 2004.

ANEXOS

Amazon Lodge Hotel Ecológico



Amazon Village Hotel Ecológico



Complexo Turístico Flutuante no Lago Janauari